

Putin reconhece separatistas e envia soldados à Ucrânia

CRISE INTERNACIONAL

Manobra de Putin acirra a tensão

Presidente russo reconhece a independência de duas repúblicas separatistas no leste da Ucrânia e autoriza o envio de soldados à região para garantir a paz. EUA anunciam as primeiras sanções, e União Europeia promete respostas firmes

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, deu novo passo que dificulta um desfecho diplomático à crise instalada com líderes ocidentais e governo ucraniano. Depois de acompanhar, no domingo, exercícios nucleares com mísseis balísticos, o dirigente russo reconheceu a independência das repúblicas separatistas pró-Rússia de Donetsk e Lugansk, áreas que saíram do controle de Kiev em 2014 e são cenário de confrontos desde então, e ordenou o envio de mais homens à região alegando que eles trabalharão pela manutenção da paz. Para países ocidentais, essa pode ser uma manobra de Moscou para intensificar os combates já acirrados na região e usar isso como pretexto para invadir o vizinho. Por isso, líderes reagiram imediatamente à decisão de Putin, anunciada em rede nacional de televisão. Os Estados Unidos divulgaram as primeiras sanções, com possíveis impactos econômicos, e a França pediu uma reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas para discutir o que classifica como uma "violação unilateral dos compromissos internacionais da Rússia e uma violação da soberania ucraniana". Até o fechamento desta edição, a data da reunião não havia sido decidida. A presidência rotativa do Conselho é ocupada atualmente pela Rússia. A avaliação de Kiev e de líderes do Ocidente é de que a decisão de Putin viola os acordos de Minsk, firmados em 2015 entre ucranianos e russos, sob intermediação de Alemanha e França, para garantir a paz na fronteira entre os dois países, o que, segundo especialistas, nunca aconteceu de fato. Otim, ao declarar a independência das áreas separatistas e assinar "acordos de amizade e ajuda mútua" com elas, Putin pode ter entrado na saída pacífica. Isso porque o dirigente russo também autorizou o envio de mais homens à região — há mais de 190 mil na área, segundo os EUA e aliados —, sinalizando planos de construir bases militares nesses



Putin argumenta que ucranianos têm um "governo de fantoche". Ocidente teme que aumento dos confrontos seja o pretexto para um ataque a Kiev

A Ucrânia é parte integrante da nossa história" Vladimir Putin, presidente da Rússia

locais e falou abertamente sobre o acirramento dos confrontos. "Quanto aqueles que tomaram o poder em Kiev e o mantêm, exigimos que parem imediatamente as operações militares. Caso contrário, toda a responsabilidade por mais derramamento de sangue recairá sobre a consciência do regime em território ucraniano", disse.

Segundo o dirigente, a Ucrânia tem um "governo fantoche" do Ocidente e representa uma ameaça à Rússia. Ele justificou a decisão tomada usando uma série de argumentos históricos e alegou que as terras ancestrais do leste ucraniano são russas. "A Ucrânia é parte integrante da nossa história", enfatizou, afirmando, em seguida, que Kiev não foi capaz de formar um estado sólido desde o fim da União Soviética e que, por isso, depende de países estrangeiros.

Frente internacional

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, convocou o Conselho de Segurança e Defesa Nacional e conclamou uma reunião "imediatamente" do Conselho de Segurança da ONU. Em uma frente internacional,

a França, que é membro do conselho, fez o mesmo pedido, e o presidente Emmanuel Macron defendeu a aplicação de "sanções europeias seletivas" contra Moscou. Macron e o chefe de governo alemão, Olaf Scholz, assumiram o papel de mediadores no conflito do leste da Ucrânia e têm conversado com Putin sobre a crise internacional nos últimos dias. Segundo o Kremlin, o presidente se comunicou sobre a decisão de ontem, e eles "expressaram decepção" com o anúncio.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, afirmaram, pelo Twitter, que a União Europeia (UE) reagirá "com firmeza" ao que considera uma "flagrante violação do direito internacional". Após uma reunião de chanceleres em Bruxelas, o chefe da

diplomacia da UE, Josep Borrell, afirmou que vai colocar "o pacote de sanções na mesa dos ministros europeus". O Reino Unido prometeu para hoje a ativação de sanções contra a Rússia em resposta à "violação do direito internacional e ataque à soberania e à integridade territorial da Ucrânia", disse a chefe da diplomacia britânica, Liz Truss. Na avaliação do primeiro-ministro Boris Johnson, a decisão de Putin não é um bom "presságio" para a atual crise internacional e há "indícios de que as coisas evoluem em uma direção ruim na Ucrânia". Mais rápido nas retaliações, Washington anunciou as primeiras sanções contra as regiões

separatistas da Ucrânia. Entre elas, estão a proibição de "novos investimentos, comércio e financiamento por parte de americanos de, para ou nas regiões" pró-russas de Donetsk e Lugansk, segundo a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki. Em caso de invasão à Ucrânia, essas medidas serão somadas a outras mais "severas" que têm sido preparadas em coordenação com os aliados, completou Psaki. A Casa Branca também qualificou como "violação flagrante" dos compromissos internacionais a decisão anunciada por Putin. O presidente Joe Biden conversou, por telefone, com Volodymyr Zelensky e, segundo a Casa Branca, "reafirmou o compromisso dos Estados Unidos com a soberania e a integridade territorial" da Ucrânia. O líder americano também atualizou o ucraniano sobre as sanções que estão sendo definidas e garantiu que vai responder "rápida e decisivamente, em sintonia com seus aliados e parceiros, a novas agressões russas contra a Ucrânia". Os EUA também se mostraram abertos a uma solução diplomática à crise até que a Rússia inicie a invasão à Ucrânia. Em paralelo ao anúncio do Putin, os moradores das regiões separatistas relatam as consequências do acirramento dos confrontos: "É a guerra, a verdadeira", disse Tatiana Nikulina à agência AFP. A mulher de 64 anos está entre os evacuados da região de Donetsk para a cidade russa de Taganrog. A saída dos civis da região foi recomendada por Moscou na semana passada e também é avaliada por especialistas como um forte indicativo da decisão russa de invadir a Ucrânia.

A intenção é "esmagar" civis, diz EUA

Os preparativos russos para uma invasão à Ucrânia incluem a adoção de estratégias "extremamente violentas" e com o intuito de "esmagar" a população civil, alertou o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Jake Sullivan. Segundo ele, informações obtidas pela inteligência americana indicam que há o intuito de que o confronto entre Moscou e Kiev seja "particularmente brutal", o que "custaria a vida de ucranianos e russos, sejam civis ou soldados". "Será uma guerra travada pela Rússia contra o povo ucraniano para reprimi-los, esmagá-los, prejudicá-los", enfatizou Sullivan, em entrevista à emissora NBC News. Os Estados Unidos já advertiram a Organização das Nações Unidas (ONU) para a existência de uma lista elaborada por Moscou com os nomes dos ucranianos que, em caso de invasão, devem ser assassinados ou capturados e enviados para acampamentos. Na carta enviada à Alta Comissária para os Direitos Humanos da ONU, a chilena Michelle Bachelet, também há a informação de que "as forças

» Chefe da ONU cancela viagem

Diante da escalada das tensões no leste da Ucrânia, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, cancelou, de última hora uma viagem para o Congo e decidiu voltar para a sede da agência, em Nova York. Guterres estava na Alemanha participando, no fim de semana, da reunião anual sobre segurança internacional e, de Portugal, viajaria para o país africano. Também segundo o porta-voz das Nações Unidas, Stephane Dujarric, a agência autorizou a realocação temporária de funcionários não essenciais e familiares enviados à Ucrânia. A agência tem cerca de 1.510 funcionários no país, incluindo 149 cidadãos estrangeiros.

russas usariam medidas letais para dispersar protestos pacíficos ou para, de alguma forma, contra-atacar o exercício pacífico da resistência de populações civis", segundo a agência France-Presse de notícias (AFP). Assinado pela embaixadora americana na ONU em Genebra, Bathsheba Nell Crocker, o texto, a que a AFP teve acesso, também adverte que uma invasão à Ucrânia provocaria abusos, como sequestros ou tortura, e poderia atingir dissidentes políticos e religiosos e minorias étnicas.

A situação, segue o documento, deixou Washington "profundamente preocupado" e alerta para uma potencial "catástrofe de direitos humanos". Procurado pela AFP, o escritório de direitos humanos da ONU confirmou que recebeu, ontem, a carta da Missão Permanente dos Estados Unidos em Genebra, mas não revelou o teor dela. "Estamos avaliando" o conteúdo, escreveu a porta-voz, Elizabeth Throssell. Desde 2014, separatistas pró-Rússia que lutam contra Kiev mantêm um conflito no leste do país que



Casa destruída em bombardeio em Donetsk: confrontos resultaram em 14 mil mortes desde 2014

provocou mais de 14 mil mortes. Em comunicado, a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) informou

que foram registradas mais de 1.500 violações da trégua na linha de frente no leste da Ucrânia em 24 horas — o número é o maior deste

ano. Nos últimos dias, com o agravamento das tensões, ao menos 10 companhias áreas suspenderam o tráfego de aeronaves na região.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 9